

Fogo

An aerial photograph of the Galaxy tanker ship at sea. The ship is dark blue with a white and red American flag on the bow. A large fire is visible on the deck, with bright orange flames and thick black smoke rising from the ship. The ship is moving through the water, leaving a white wake. The sky is overcast and grey.

A causa da explosão é um mistério – mas o *Galaxy* acabou no fundo do mar.

& Gelo

Os pescadores faziam a pausa para o almoço. **De repente, veio o caos.**

POR JEFF RENNICKE

MAIS UMA ENORME ONDA fez o *Galaxy* balançar, inclinando o convés em 30°. “Aposto que essa aí espalhou alguns pratos”, riu o capitão Dave Shoemaker, imaginando a tripulação perseguindo o almoço pela cozinha.

Sozinho na casa do leme, tinha poucos motivos para rir. Já era bem difícil para esse pai de quatro filhos passar meses longe da família – e agora o mau tempo e a pesca arrastada tornavam as horas intermináveis. Por três dias, ventos de 90 km/h sopravam do nordeste, criando ondas da altura de uma casa. Era 20 de outubro de 2002 e o pesqueiro de 180 pés navegava nas águas ao largo da Ilha St. Paul, no Alasca. Shoemaker e seus 25 tripulantes esperavam embarcar cerca de 600 toneladas de bacalhau antes

de retornar a terra, em cinco semanas. A tripulação acabara de recolher uma linha de 18 quilômetros com quase 20 mil anzóis iscados. Agora, no mar grosso, tinham de retornar até a extremidade distante de uma segunda linha para recolher equipamento e peixes. Ao fazer o barco dar a volta, Shoemaker gritou aos tripulantes que “engolissem o café”.

Foi então que viu a fumaça.

EMBAIXO, na cozinha, Ann Weckback trabalhava nos relatórios. Aos 24 anos, era a única mulher a bordo, e esse era seu primeiro emprego de verdade. Como observadora do Serviço de Pesca Marinha dos Estados Unidos, acompanhava a operação de pesca. Viver confinada com duas dúzias de desconhecidos poderia não ser o ideal de toda mulher – mas conhecer o Alasca era a realização do sonho de sua vida.

Perto dela, o chefe do convés, Ryan Newhall, desvenci-
lhrou-se das botas de
borracha com um
chute e sentou-se. Os seis anos
trabalhando na
curta e intensa
temporada do
bacalhau ensi-
naram-lhe co-
mo eram pre-
ciosos alguns
minutos de des-
canso entre os turnos de 16 horas e
meia de trabalho frenético. Quando

estava prestes a morder seu hambúrguer, um alarme zuniu pelo barco: fogo!

Newhall, chefe da brigada de incêndio da embarcação, largou o sanduíche e disparou pelo corredor. O contramestre e um moço de convés vinham logo atrás. Rolos de fumaça preta serpenteavam ao longo do teto. Parecia grave.

Ann Weckback, embarcada havia apenas uma semana, porém familiarizada com procedimentos de segurança, dirigiu-se à casa do leme para tentar ajudar.

Newhall notou fumaça escapando da vedação de uma escotilha na parte inferior do barco. “É na casa de máquinas!”, gritou. No instante seguinte, uma explosão o atirou com os dois outros homens no Mar de Bhering, através de uma escotilha de um metro por um metro.

PARA SHOEMAKER, pareceu que a explosão arrancara as entranhas do barco. Então, alguém gritou no

convés: “Homem ao mar!” No mesmo

instante, o veterano do Vietnã, de 53 anos, estabeleceu as prioridades. Os homens na água vinham em primeiro lugar.

“Bóias e defensas!

Joguem tudo que flutue na água!”, ordenou. De volta à casa do leme, colocou a embarcação em ponto morto para desacelerá-la.



Já com uma equipe trabalhando no salvamento dos três homens na água, a prioridade seguinte de Shoemaker era pedir socorro. Cobrindo a boca com um lenço, mergulhou de volta no remoinho de fumaça. A casa do leme estava escura como breu e estranhamente silenciosa – nenhum alarme soava, nenhum telefone tocava. A fiação elétrica devia ter derretido. Podia sentir o calor irradiando das paredes e ver o bruxuleio das chamas. O odor acre de plástico queimado invadia seus pulmões. Atrás da mesa de navegação, a antepara brilhava, vermelha.

Tateando, o capitão encontrou o rádio e gritou: “*Mayday! Mayday! Mayday!*” No entanto, lembrando seu treinamento em caso de emergência, forçou-se a se acalmar e a re-

começar. A transmissão deveria ser clara. *Pode ser minha única chance*, pensou. “Aqui é o navio pesqueiro *Galaxy*. Houve uma explosão e temos incêndio a bordo. Três pessoas estão no mar e...” Olhando para baixo, viu o fio do rádio pendendo inutilmente no ar, todo queimado. Ninguém ouvira uma só palavra.

OS GASES NA CASA do leme eram tão intensos que Shoemaker caiu de joelhos e começou a vomitar. Cambaleou até a janela de boreste, em bus-

ca de ar. Ao olhar para fora, viu na água o contramestre, ferido e tentando nadar. O que poderia fazer?

Lembrando-se dos rádios VHF que estavam recarregando em sua cabine, Shoemaker retornou para o meio da fumaça. Todas as superfícies estavam escaldantes. Abriu a porta de uma só vez. Uma bola de chamas irrompeu da sala superaquecida, atirando-o contra a parede. Seu colete e sua camisa pegaram fogo.

Ao recuar, sentiu o cheiro de carne queimada. Pedacos de pele grudaram na parede da cabine.

Havia uma última possibilidade: dois outros rádios portáteis encaixados perto de uma das escotilhas de emergência. Estavam ali, como havia informado à tripulação, para serem usados se o inimaginável aconte-

cesse. Estava acontecendo agora.

Shoemaker percorreu os dedos ao longo da antepara ardente e encontrou os rádios intactos. Rastejando, pôs metade do corpo para fora de uma janela a fim de conseguir ar suficiente para falar e ligou o microfone.

A GUARDA COSTEIRA da Ilha St. Paul recebeu o pedido de socorro às 16h40. Meia hora depois, um helicóptero HH-60 Jayhawk estava a caminho. Uma aeronave de busca HC-130 decolou de Kodiak às 17h30. Três

**Estendeu a
mão para
a amurada.
O metal
quente
chamuscou
seus dedos
queimados.**

barcos pesqueiros também ouviram a chamada e começaram a navegar em direção ao barco avariado. Não se sabia se alguém chegaria a tempo.

Assim como em muitos dos barcos frigoríficos que trabalhavam nessas águas remotas, a casa do leme do *Galaxy* ficava na popa, no alto, acima do alojamento da tripulação e da sala de máquinas no nível inferior. Quando o fogo irrompeu, a tripulação que estava na popa correu para os níveis superiores, isolando-se do convés e dos homens na proa.

O fogo era tão forte que um bote salva-vidas inflável baixado pela popa, embora carregasse apenas 15 homens, teve as amarras cortadas, pois corria o risco de derreter contra o casco. Os trajes de sobrevivência – grossos macacões emborrachados cor de laranja – eram a única esperança para os demais tripulantes.

“Precisamos de mais trajes!”, gritou o capitão Shoemaker aos homens que ainda estavam no convés abaixo. A corda que lhe atiraram, amarrada a uma fileira de trajes, começou a queimar enquanto ele tentava puxá-los para cima. O cabo cedeu e Shoemaker perdeu o equilíbrio na beirada da cobertura da casa do leme, 7,5 metros acima do convés. Instintivamente, estendeu a mão para a amurada,

mas o metal quente chamuscou seus dedos já queimados. Ele gritou e caiu. Tombando pesadamente, ouviu o peito estalar.

AINDA ISOLADOS na popa, Ryan Newhall e Ann Weckback comprimiam-se perto da amurada. Newhall e o moço de convés haviam sido retirados do mar cerca de dez minutos depois de terem sido atirados pela escotilha. Ann dera seu traje de sobrevivência ao moço de convés para que se aquecesse depois do mergulho na água gélida a 8° C.

Agora ela e Newhall viam o bote salva-vidas se afastar. E, enquanto o fogo abria buracos no convés abaixo, eles enfrentavam uma escolha crucial: o fogo ou o gelo. Newhall ainda tremia dentro de seu traje.

Ann vestia apenas calça de flanela e blusão de moletom. Mas se considerava uma boa nadadora e achava que ia conseguir.

“Vamos, Ryan! Temos de pular!” Um, dois, três! No dois, Ann saltou. Newhall ficou imaginando o que aconteceria com sua noiva e sua filha no Texas – e agarrou uma bóia e saltou pela amurada.

DEPOIS DA QUEDA sobre o convés, Shoemaker arrastou-se até a proa. Olhando o mar, ele e mais dois tri-

Shoemaker viu quando dois de seus tripulantes, agarrados um ao outro, foram arrastados.

pulantes que também estavam presos assistiam, impotentes, à tentativa de Newhall e Ann de nadar em direção ao bote. Foram arrastados para longe.

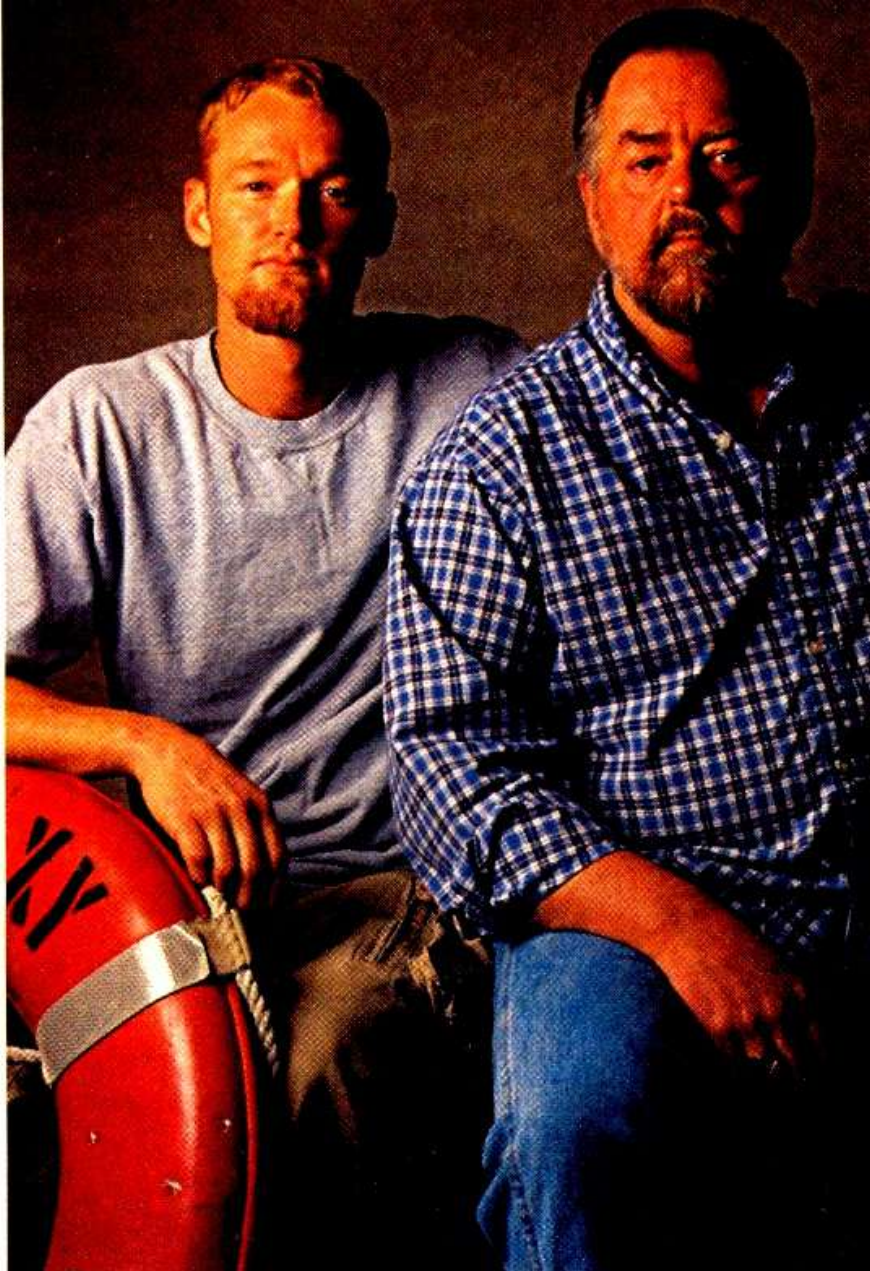
“Vamos permanecer no barco enquanto pudermos”, disse Shoemaker aos dois tripulantes. “Fiquem de olho nos dois; não os percam de vista.” Mas a noite caía. Os três homens se mantiveram juntos e rezaram.

Nesse momento, alguns faróis cortaram a escuridão. Três barcos, o *Blue Pacific*, o *Clipper Express* e o *Glacier Bay*, que pescavam nas proximidades, haviam ouvido o pedido de socorro e, enfrentando o mau tempo, dirigiram-se ao local para ajudar.

Enquanto as embarcações se aproximavam, Shoemaker subiu na amurada. Com gestos largos, fez sinal para que os barcos resgatassem em primeiro lugar as pessoas na água – embora as chamadas já estivessem quase alcançando-o.

“Quando o fogo esquentar demais”, disse aos dois homens, “saltamos da proa, um de cada vez. Quando um for apanhado, o seguinte salta, não antes.” Se houvesse muita gente na água, alguém poderia se perder.

Com um gesto de cabeça, os dois indicaram que haviam entendido. Mas entendiam também as dificuldades de encontrar um ponto flutuante no vasto mar bravo.



A bóia é um dos poucos objetos que restaram para lembrar Newhall e Shoemaker do *Galaxy*.

Na água, Newhall colocou a bóia em torno de Ann e a abraçou para lhe transmitir calor. A jovem, porém, começou a ficar roxa. Aflorando e afundando em ondas de seis metros, viram as luzes amarelas de um barco se aproximando e começaram a rir. “Você vai ficar me devendo um café”, brincou Newhall. “Em dez minutos vamos estar naquele barco.” Mas o barco passou direto por eles. Outro barco chegou. E mais outro. Um helicóptero da guarda

costeira. Mas ninguém os viu. Ann estava quase inconsciente.

O HELICÓPTERO da guarda costeira aproximou-se. Acima da embarcação à deriva que balançava violentamente nas ondas, a tripulação do helicóptero esforçava-se para baixar o cesto e recolher as vítimas no convés em chamas. Na terceira tentativa, uma grande labareda subiu do barco como se fosse um rojão, e o piloto, temendo pôr em risco a aeronave, decidiu não continuar a pairar sobre o barco. Shoemaker e os tripulantes ali presos teriam de pular. Um nadador especializado em resgate os recolheria da água.

Baixado por um cabo ao nível dos olhos dos homens na proa, o nadador, o suboficial Jason Quinn, sinalizou as instruções: saltar e nadar para longe do barco.

Um a um, eles saltaram no mar. Um a um, foram recolhidos e suspensos até o helicóptero. Shoemaker, encolhendo-se de dor por causa

das três costelas quebradas e das extensas queimaduras, foi o último.

Açoiados pelas ondas, Ann e Newhall permaneceram à deriva por quase duas horas. Ann estava à beira de uma grave hipotermia quando, milagrosamente, o *Clipper Express* os avistou e os içou a bordo.

Os 15 tripulantes no bote salva-vidas foram resgatados pelo *Glacier Bay* e outro homem, pelo *Blue Pacific*.

A PESCA NAS ÁGUAS do Alasca é um dos trabalhos marítimos mais perigosos. O contramestre, o cozinheiro, um moço de convés e o próprio *Galaxy* desapareceram.

Ryan Newhall e Ann Weckback foram tratados em hospitais das proximidades e liberados. Ann voltou ao seu trabalho de observadora e continua no Alasca. Newhall foi para casa, no Texas. E o capitão Shoemaker, marcado por cicatrizes mas recuperando-se das queimaduras, espera ansioso pela temporada de pesca de 2004 nos mares do norte.

BOA PERGUNTA

- Vocês já notaram que, quando se sopra o focinho de um cachorro, ele fica louco da vida, mas, quando está no carro, ele sempre faz questão de colocar a cabeça para fora da janela?
- Por que basta um único fósforo para provocar um incêndio numa floresta, mas é preciso uma caixa inteira para acender a fogueira do acampamento?
- Como seria um incompleto estranho?



ROBYN CAMPBELL-OUCHIDA, DARRYL CUEVAS E ALASTAIR HONEYBUN, EUA